

O TRIUNFO DA PICARETAGEM EM MOLL FLANDERS, DE DANIEL DEFOE

Loraci Hofmann Tonus (UTFPR)

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nos debruçamos sobre o romance *Moll Flanders*, publicado no ano de 1722 pelo escritor inglês Daniel Defoe. A escolha dessa obra deu-se pela necessidade de, enquanto docente e pesquisadora da área de Literatura, ampliar e aprofundar conhecimentos no campo do romance picaresco. Assim, com a análise de *Moll Flanders*, buscamos construir uma base de saberes necessários para compreender e analisar obras brasileiras cujos protagonistas poderiam ser classificados como pícaros ou neopícaros. Algumas dessas obras, de acordo com González (1988), são: *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *A pedra do reino* e *O auto da compadecida*, ambas de Ariano Suassuna; *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza; *Meu tio Atahualpa*, de Paulo de C. Neto; *Os voluntários*, de Moacyr Scliar; *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino; *Travessias*, de Edward Lopes.

Para este trabalho, apoiamo-nos principalmente nos estudos de Kothe (1985) e de González (1988), os quais abordam o universo da literatura com caracterização picaresca. É a partir desses autores que apresentamos as origens e as características mais expressivas desse tipo de romance.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO TEXTO E DO HERÓI PÍCARO

O berço da picaresca é a Espanha do século XVI e os textos considerados como os fundadores da modalidade são os espanhóis *Lazarillo de Tormes*, *Gusmán de Alfarache* e *El Buscón*. A influência das traduções dessas histórias provocou o surgimento de obras do mesmo gênero em outros países europeus. No início do século XVII, na Inglaterra, segundo González (1988, p. 46) “o texto que [...] melhor se aproxima dos modelos espanhóis da picaresca é *Moll*

Flanders [...]”. Esse romance, por ser protagonizado por uma mulher, “inscreve-se na linha iniciada por outro romance picaresco clássico espanhol [...]: *La pícaro Justina*, de Francisco Lopes de Úbeda, que inicia uma considerável geração de pícaras.”

A picaresca pode ser definida como uma narrativa cômica que é protagonizada por um personagem geralmente paupérrimo, advindo das baixas camadas sociais, que comete toda sorte de delitos para fugir a qualquer custo do fantasma da fome. Para Kothe, (1985, p. 14-15), “o pícaro é o caníço que se dobra aos ventos para conseguir sobreviver: nele o que pensa é o estômago.” Assim, ele pode ser definido como “a filosofia da sobrevivência feita gente.” Numa narrativa picaresca, tal personagem se constitui como o traço de união entre episódios diversos nos quais luta para viver em melhores condições. Por tudo isso,

O pícaro pode ser visto como um herói a beirar o trágico e se assumindo como um herói épico às avessas. É de extração social baixa e se comporta de modo pouco elevado. [E revela que] é mais pelos defeitos e pelas qualidades negativas que as carreiras ascendentes são feitas: à custa de cotovelos, espertezas, mentiras, gestos calculados, ações sem escrúpulos, safadezas, etc. Mas tais atos podem [...] ser apresentados como atitudes certeiras, necessidades do momento, astúcia, previsões inteligentes, fins justificadores dos meios, etc. (Kothe, 1985, p. 38).

Normalmente, a narração de suas peripécias é feita em primeira pessoa, pois o pícaro apresenta características de anti-herói, já que joga o jogo da sobrevivência com as armas da esperteza e da malandragem. Por isso ele “se narra a si mesmo na impossibilidade de se atribuir um historiador para as suas inglórias travessias” (González, 1988, p. 67).

No plano do discurso, além desses aspectos básicos da autobiografia e da caracterização do anti-herói, também ocorrem reflexões críticas, que caracterizariam tanto um certo arrependimento do protagonista por seu passado quanto uma preocupação moralizante, e a inserção de outras histórias paralelas, nem sempre vivenciadas pelo narrador mas das quais ele teve conhecimento em algum instante da trajetória. Quanto à história, “o pícaro tende a apresentar: o papel de criado; a rejeição do trabalho; o mito da aparência; o arrependimento do passado sem glórias” (González, 1988, p. 49). Enfim, as características fundamentais da picaresca seriam marcadas pela presença de

Um anti-herói, socialmente marginalizado, que protagoniza uma série de aventuras dentro de um certo projeto pessoal; através dessas aventuras, a sociedade e seus mecanismos de ascensão social são satiricamente denunciados, já que a trapaça continua a ser o caminho para evitar ser aniquilado e poder ‘subir’ (González, 1988, p. 71).

SINOPSE DAS AVENTURAS DE MOLL FLANDERS

Moll Flanders é nome fictício, um apelido que a narradora protagonista adota para fugir da perseguição de credores e que acaba assumindo quando resolve relatar o que viveu. No início do romance, a narradora esclarece que seu nome não é esse pois está fichada nas prisões londrinas: “Meu verdadeiro nome é bastante conhecido nos arquivos ou registros de Newgate e Old Bailey [...]. Por isso não se deve esperar a inclusão de meu nome ou de especificações sobre a minha família, nesta obra” (Defoe, 2003, p. 15) E diz que, até casar-se pela primeira vez, era chamada de Srta. Béti.

A história dessa protagonista é bastante peculiar. Jamais soube quem era seu pai. Quanto à mãe, era uma condenada de Newgate, a temível prisão londrina para a qual eram enviados os infratores. Moll nasceu na prisão e foi abandonada pela mãe quando esta foi deportada para a América. Aos três anos de idade, Moll abandonou o grupo de ciganos com quem perambulava e foi recolhida por funcionários de uma paróquia.

Colocada aos cuidados de uma mãe adotiva designada por essa paróquia, a menina aprendeu a ler e a costurar e aos oito anos, quando já poderia trabalhar como criada na casa de gente de posses, manifestou o surpreendente desejo de ser, ao invés de criada, uma dama da sociedade. Isso mudou seu destino, pois comoveu as senhoras abastadas que sustentavam a paróquia e fez com que passassem a olhar a menina com olhos piedosos.

Aos 14 anos, a menina abandonada, já dona de uma beleza estonteante, tornou-se dama de companhia em uma casa de gente abastada, onde benevolmente recebeu a mesma instrução dada às filhas dos donos da casa. Mas traiu a confiança da família e, aos 17 anos, tornou-se amante do filho mais velho, que pagava por seus favores. Por artimanhas deste, e para desgosto de toda a família, casou-se com o filho mais moço, com quem teve dois filhos. Quando esse

marido morreu, cinco anos depois, os sogros tomaram-lhe as crianças. Isso é contado por Moll da seguinte forma: “Felizmente, minhas duas crianças, que estavam comigo, foram tomadas pelos meus sogros, e, diga-se de passagem, isto foi tudo o que eles fizeram por mim” (Defoe, 2003, p. 75).

Já em Londres, certo tempo depois, a protagonista casou-se com um comerciante de tecidos. Porém, após dois anos e três meses, preso por falência, ele separou-se de Moll e fugiu para a França. Novamente desamparada, movida pelo terror da miséria, ela passou a prostituir-se com diversos homens – sete, mais precisamente. Mas logo concluiu que tal ofício não lhe daria a almejada estabilidade financeira. Então, disposta a encontrar outro marido rico, mudou para Ratcliff e passou a morar em casa de amigos.

Lá, conheceu um rapaz cuja família era latifundiária no Estado da Virgínia, EUA. Casaram-se e Moll foi com ele para a América, onde tiveram três filhos e viveram felizes durante oito anos. Porém, com o passar do tempo, a narradora descobriu que a sogra era sua própria mãe e que ela, Moll, estava casada com o irmão. Desesperada, separou-se dele e dos filhos e voltou para a Inglaterra. O marido dividiu com ela a fortuna, porém o navio que transportava o dote afundou e, outra vez, a possibilidade da miséria voltou a atormentá-la.

Para contornar a situação, tornou-se amante de um cavalheiro de Bath, que lhe proporcionou por seis anos uma vida confortável e com quem teve um filho. Mas após certo tempo, esse amante adoeceu, ficou à beira da morte e decidiu voltar a ser fiel à esposa. Então abandonou Moll, mas se encarregou de criar o filho.

Outra vez só, a protagonista mudou para Lancashire, no Norte da Inglaterra, com o objetivo de, através de artimanhas, conseguir casar com um homem que dizia ter inúmeras propriedades na Irlanda. Moll estava certa de estar dando o golpe do baú. Mas esse quarto casamento foi desfeito de comum acordo quando ambos os esposos descobriram a pobreza do cônjuge. Já separados, e de volta a Londres, Moll se percebeu grávida do sétimo filho. Sem ter como indicar o pai da criança, que descobrira ser um famoso salteador, doou o filho para ser criado por uma espécie de mãe social, a quem prometeu uma renda anual para que desse atenção à criança. Para essa transação, contou com o auxílio de uma mulher muito experiente nas artes

da velhacaria e que passou a ser, para Moll, uma espécie de protetora.

Liberta do incômodo caracterizado pelo filho, a protagonista partiu para o quinto casamento, que durou cinco anos: o marido era um contador, descrito como sério, tranquilo, virtuoso, modesto, sincero. Mas era ingênuo, pois perdeu tudo ao fazer um vultoso empréstimo a um amigo que foi à falência. Sem ânimo para recomeçar, morreu e deixou Moll com poucos recursos e com dois filhos. Em dois anos, ela gastou tudo o que sobrara e entregou um dos filhos para adoção. O destino do outro é ignorado, pois a narradora dá tão pouca importância aos descendentes que nem se dá conta de que esqueceu de relatar ao leitor o que houve com a segunda criança. Quando enviuvou, tinha 48 anos, e constatou que não poderia mais ganhar a vida como amante.

Então, novamente descompromissada, sem filhos para embarcá-la, sem marido ou amante para sustentá-la, Moll procurou a velha amiga protetora e, com seu auxílio e instrução, tornou-se ladra profissional. Nas horas vagas, para enganar a polícia, trabalhava como costureira. Moll Flanders revelou-se uma ladra inteligente, inescrupulosa, desumana, capaz de, por sua frieza, escapar de situações impossíveis, e assim amealhou uma grande fortuna. Seus diversos parceiros no crime não tiveram a mesma sorte e, um a um, foram sendo presos, enviados para New Gate e enforcados. A exceção foi a sua protetora, tão esperta e inteligente que jamais foi pega pela polícia.

Aos 65 anos, Moll Flandres finalmente foi presa, julgada e condenada à morte. Mas mostrou-se tão sinceramente arrependida por seus crimes que conseguiu convencer disso o capelão da prisão. Apostando em sua regeneração, o capelão obteve para ela o indulto e o degredo para a América ao invés do cadafalso. Na prisão, Moll encontrou o ex-marido salteador, que também recebeu pena de degredo porque a justiça não conseguiu provas para incriminá-lo.

Degredada para a Virgínia com o marido, Moll Flanders, embora já muito rica em virtude dos inúmeros golpes e roubos que fizera, procurou receber a herança que lhe deixara sua mãe. Cuidando das propriedades, já órfão de pai, Moll reencontrou um dos filhos que tivera com o irmão. Sem ao menos inteirar-se sobre o destino

que tiveram seus outros dois filhos daquele casamento, a protagonista acordou que esse que ali se encontrava continuaria trabalhando nas fazendas, mas enviaria anualmente uma enorme quantia para que ela pudesse viver uma vida ainda mais luxuosa.

Aos 70 anos, Moll voltou com o marido para a Inglaterra e, estabelecida e respeitada como a grande dama da sociedade que sempre sonhara ser, resolveu escrever suas memórias com o intuito de impedir que outras pessoas viessem a cometer os mesmos crimes que ela cometera ou alertar os incautos sobre a necessidade de tomar cuidado para não cair nos golpes armados por pessoas tão ardilosas quanto ela própria.

A NARRADORA E O CO-NARRADOR

Em uma obra de ficção, alguém conta a história e é a partir do ponto de vista desse alguém que temos o foco narrativo. Em Moll Flanders, seguindo a tendência observada na maior parte dos romances picarescos tradicionais, as aventuras da protagonista são narradas por ela mesma. Repete-se, assim, o que diz González (1988, p. 67), no trecho já citado no início desta análise: “O anti-herói se narra a si mesmo na impossibilidade de se atribuir um historiador para as suas glórias travessias.” Mas Moll Flanders não é a única responsável pelo texto que nos chega às mãos. Já no prefácio do livro, tomamos ciência de que a história a ser lida é a reelaboração de um manuscrito feito pela própria heroína que, ao final de uma vida marcada por peripécias de toda natureza, resolve relatar ao mundo suas memórias. Temos, então, uma narração de primeira pessoa, mas somente até certo ponto, pois existe um co-narrador que, antes de decidir-se pela publicação do texto, teria depurado a sua linguagem:

É verdade que a história original foi narrada em outros termos, e o estilo da famosa mulher à qual nos referimos foi modificado. [...] Fizemo-la utilizar, em sua narrativa, palavras mais discretas do que as do original [...] A cópia foi escrita em uma linguagem muito semelhante à de qualquer prisioneiro de Newgate e em nada recordava a de uma humilde arrependida (Defoe, 2003, p. 9).

O que move o co-narrador é o moralismo, pois revela que mexera no texto original para tornar “decentes suas memórias” [...] e “não reproduzir idéias licenciosas ou incitar tendências indecorosas,

evitando a reprodução dos piores trechos...” Resumindo, “a narrativa foi cuidadosamente expurgada de qualquer leviandade e libertinagem” para se poder aplicar a obra “a objetivos virtuosos e religiosos” (Defoe, 2003, p. 11-13).

A partir desse prefácio, não há como saber até onde o relato é da protagonista, mas essa intromissão de um co-narrador parece ser intencional. Lê-se em D’Onofrio (1983) que, no plano do discurso, a obra ficcional em prosa tende a estabelecer como critério inicial a aparência de veracidade. Para tanto, inúmeros romancistas optam por colocar, no início de suas narrativas, para convencer o leitor e conferir um caráter de historicidade às obras, pseudofontes históricas. Assim ocorre em *Moll Flanders*. Além disso, é certo que um romance picaresco tem sempre um mentor intelectual. Aonde ele quer chegar? O que critica? Eis as questões. A princípio, o que fica evidente para o leitor é que o romance expressa o pensamento e o moralismo burguês do século XVIII. Mas não é apenas isso, conforme veremos a seguir.

A HEROÍNA PICARESCA, OU A ANTI-HEROÍNA

“Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema.” Então, “rastrear o percurso e a tipologia do herói é procurar as pegadas do sistema social no sistema das obras” (Kothe, 1985, p. 8). *Moll Flanders* é o modelo do herói às avessas, uma anti-heroína fruto de uma sociedade que valoriza em excesso o lado econômico do indivíduo em detrimento de todos os demais fatores que norteiam a existência. A personagem é uma mulher interesseira e de caráter duvidoso, perseguida pelo acaso e pela desventura, tanto que parece atrair desgraças. Seus parceiros morrem, vão à falência, adoecem, cometem incesto sem saber ou enveredam pela vida do crime. É uma espécie de viúva negra involuntária. Sua trajetória poderia ser resumida como “interlúdios entre o ter e o perder sucessivos. Ao final, prevalece o ter” (González, 1988, p. 34).

Menina órfã que ambicionava ser uma dama da sociedade, *Moll Flanders* vive aterrorizada pela perspectiva da miséria, por isso

dá muita importância ao dinheiro, tanto que não consegue desfrutar do sexo ou do amor sem ter em mente o aspecto pecuniário. Seu excessivo materialismo não é mascarado mas explícito: ao final de cada relacionamento, contabiliza perdas e ganhos, conforme se lê neste trecho: “Isso, com o que eu tinha guardado, mais o dinheiro que ele me tinha dado antes e quase o mesmo tanto deixado pelo meu marido, tornou-me uma viúva com 1.200 libras no bolso” (Defoe, 2003, p. 75).

Na novela picaresca clássica, de acordo com González (1988: 69), “o erotismo é ausente por completo e o ‘amor’ equivale à coisificação utilitária da mulher, transformada mais em um objeto aos fins pragmáticos do pícaro.” Assim, invertendo-se as posições dos gêneros, para essa heroína pícaro, os maridos ou amantes são meros figurantes, caracterizados rapidamente e sem densidade. Obrigando-se ao afastamento emocional, Moll não constrói laços afetivos permanentes pois as pessoas passam rapidamente por sua vida e, não lhe dando lucros ou proteção, são descartadas.

Por isso Moll pode ser classificada como uma personagem plana, porque não se percebe a evolução do caráter. Até o final da narrativa, a pícaro age da mesma forma, procurando extrair ganhos financeiros com os afetos que desperta. Ao final da vida, quando reencontra um dos inúmeros filhos que abandonara e tem a oportunidade de mostrar que tem algum resquício de amor materno, a esperança do leitor é desfeita, pois a anti-heroína explora também o filho, que fica trabalhando para que ela aufera lucros e possa viver luxuosamente.

Segundo Kothe (1985, p. 58), “todo personagem que apenas corporifique qualidades positivas ou negativas é um personagem trivial, pois foge à natureza contraditória das pessoas e não questiona os próprios valores.” Moll questiona os seus, mas é incapaz de mudar. Ao final da vida não engana nem trapaceia mais, mas isso não pode ser creditado como evolução. Só não o faz porquanto não há mais necessidade de enganar, nem, talvez, energia suficiente para tanto. Kothe (1985, p. 6) afirma que “o ser social do homem determina sua consciência”. Por isso, somente quando já conta com a estabilidade econômica que buscava, Moll pode se dar ao luxo de avaliar os próprios atos.

Como todo herói pícaro, diante das dificuldades que a vida oferece, Moll Flanders não hesita em transgredir as regras sociais e infringe a moral vigente em praticamente todas as modalidades. Kothe (1985, p. 46-47) diz que

A transgressão de uma ordem por parte de um membro da sociedade implica uma ruptura do contrato natural, implicitamente aceito. [...] Psicologicamente, o transgressor afasta-se da ideologia social e, querendo afirmar o direito à liberdade de pensamento e de ação, aproxima-se da axiologia do vilão, que vive à margem da sociedade e não aceita suas leis.

Assim, por não aceitar o papel de criada que lhe cabe na estrutura social, a protagonista usa as armas que a natureza lhe deu para fugir ao determinismo de seu destino. No *Lazarillo de Tormes* lê-se que ‘força e manha’ são caminhos possíveis para a ascensão social, mas Moll Flanders não emprega a força como princípio. Emprega, sim, a beleza e a astúcia (ou manha) femininas, aliadas à frieza e à falta de escrúpulos. A esperteza, como em outros heróis pícaros, é um dos principais atributos de Moll, que multiplica seus delitos em gênero e quantidade e é pródiga em mostrar as variantes de roubo e as inúmeras possibilidades de logro que os incautos oferecem.

No seu processo particular de procura de ascensão socioeconômica, Moll Flanders se afasta “mais e mais dos procedimentos que a sociedade permite e consagra” (González, 1988, p. 22). E essa necessidade faz com que não haja com honra. Para Kothe (1985), em muitos romances, a honra é vista como expressão qualitativa de um maior poderio quantitativo financeiro. No caso da anti-heroína Moll Flanders, seu poderio financeiro é apoiado na desonra e no engodo. No entanto, ironicamente, a desonra, por trazer-lhe dinheiro, torna-a pessoa honrada. É a metamorfose da baixeza (negatividade) em grandeza (positividade). Dessa forma, o texto picaresco mostra que, em determinadas sociedades, “o único caminho ascensional possível parece ser o da velhacaria” (González, 1988, p. 34).

Por existir um uma sociedade com esse perfil, são o individualismo, as necessidades e os desejos de Moll que prevalecem sobre todo e qualquer freio de ordem moral. Mesmo quando resolve relatar suas memórias, a protagonista esconde-se atrás de um pseudônimo. Ou seja:

A verdade, sim, desde porém que ela não nos prejudique! Essa será a essência da moral burguesa: os valores humanos da sinceridade, honesti-

dade, justiça, fidelidade, fraternidade, liberdade, são ideológicos e não reais, no sentido de que são apenas impostos ou desejados, mas não realmente vividos (D'Onofrio, 2002, p. 223).

E como a revelação do próprio nome poderia trazer a Moll sanções negativas que ela não deseja para si, conta o pecado, mas não indica o pecador. Em verdade, ao esconder o nome da protagonista, permite-se deixar implícita a crítica social: Moll poderia ser, então, qualquer uma das tão refinadas e bem vistas damas de uma sociedade que valoriza apenas o parecer e o ter. Ter fortuna parece ser o quesito para que se passe uma borracha sobre o passado. Ironicamente, temos uma moral da história às avessas: o crime compensa, e muito! E, sobretudo, depois de muito rico, o vilão pode se arrepender e posar de bonzinho, dando aos outros conselhos que não seguiu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Moll Flanders apresenta inúmeras das características dos pícaros tradicionais, porém não faz rir, não consegue ser ridícula. O forte realismo cômico fica por conta da intencionalidade revelada pela protagonista que, por cúmulo da hipocrisia, diz escrever sua própria história com o objetivo de ajudar os incautos a não se deixarem lograr por pessoas desonestas como ela própria.

Conforme já exposto, há no texto um co-narrador. Sua atuação é diversa: ele atua ora como uma espécie de censor das memórias de Moll, não permitindo que o indecente e o indecoroso venham a público, ora utiliza as falas da personagem para pregar a moralização dos costumes e fazer a necessária crítica social. Provavelmente por sua interferência podemos observar a ocorrência: a) da desproteção social das mulheres, valorizadas apenas quando contavam com um grande dote, e das crianças, abandonadas aos cuidados de mães de aluguel sempre que atrapalhassem os interesses dos adultos; b) da falta de sentimento maternal em todas as classes sociais; c) do casamento por interesse; d) da cegueira feita diante da origem das grandes fortunas.

Nesse universo em que o importante é ter, as pessoas vivem de aparências. Para serem consideradas gente, no mínimo precisam 'parecer ter'. Essa situação leva à coisificação do ser humano e à rei-

ficação do dinheiro e da propriedade, que se sobrepõem aos afetos. Por isso Moll Flanders não pode ser acusada por seus delitos pois, tal como uma típica heroína pícara, percebeu que somente a astúcia permite a sobrevivência em certos ambientes hostis e rapidamente aprendeu a jogar o jogo socialmente aceito da malandragem e da hipocrisia. Assim, a atualidade da obra reside em seu gesto semântico básico que implica a compreensão de que, em certas sociedades, para subir na escala social, tudo pode ser feito, tudo é válido e, ao final das contas, tudo é aceito.

REFERÊNCIAS:

DEFOE, D. *Moll Flanders*. São Paulo: Nova Cultural: 2003.

D'ONOFRIO, S. *O texto literário: teoria e aplicação*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

———. *Literatura Ocidental*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

GONZÁLEZ, M. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988.

KOTHE, F. R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1985.